



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/diario-de-muitas-aliancas/>

## **Diário de muitas alianças: entre crianças e plantas, entre docentes e discentes, entre palavras e imagens**

*Diogo Pereira de Souza*[1]

*Fernanda Omelczuk*[2]

*Wenceslao Machado de Oliveira Jr*[3]

**RESUMO:** O ensaio apresenta a montagem textual, em formato de diário, do processo de elaboração coletiva de uma oficina de cinema com crianças e plantas, bem como do processo de montagem do curta-metragem dela resultante, finalizando com a reverberação dele em outras crianças. As muitas experimentações aqui efetivadas se fazem como composições instáveis, promovedoras de desvios naquilo que tocam: no texto acadêmico, no modo de fazer cinema, na maneira de estar na escola e ativar a infância e o ambiental que, inevitavelmente, atravessa quando uma única árvore faz rizoma com seu entorno, vivificando a multiplicidade de vida ali pulsante, inclusive a vida das imagens e sons.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema. Plantas. Crianças. Experimentação. Educação ambiental.

---

**Diary of many alliances: between children and plants, between teachers and students, between words and images**

**ABSTRACT:** The essay presents the textual montage, in diary format, of the collective elaboration process of a film workshop with children and plants, as well as the process of editing the resulting short film, ending with its reverberation in other children. The many experiments carried out here are made as unstable compositions, promoting deviations in what they touch: in the academic text, in the way of making films, in the way of being at school and activating the childhood and the environmental that, inevitably, crosses it when a single tree forms a rhizome with its surroundings, vivifying the multiplicity of life pulsating there, including the life of images and sounds.

**KEYWORDS:** Cinema. Plants. Children. Experimentation. Environmental education.

---



## Uma oficina de cinema com crianças ou professoras?

*Domingo, 28 de maio de 2023*

“Que tal experimentar uma mirada infantil para o lugar-escola através de exercícios de ver e fazer cinema? Que tipo de alianças podemos criar com as vidas não humanas ao reparar no entorno com câmeras e microfones? Que tal experimentar um cinema-planta?”

Crianças pequenas são especialmente curiosas para aquilo que encontram por acaso entre aquilo que chamamos de natureza, aquilo que podemos de chamar de vidas não humanas. Para elas encontrar um bichinho ou um graveto não é encontrar um bichinho ou um graveto qualquer, mas aquele bichinho ou aquele graveto, pois ele está naquele lugar, sobre a areia ou a grama, tem aquelas manchinhas daquelas cores que não se repetem em nenhum outro bichinho ou graveto. Crianças pequenas são especialmente curiosas para a singularidade que os encontros ocasionais colocam diante delas. Talvez por isso elas reparam no seu entorno com muito mais atenção que nós, adultos, que tendemos a generalizar os encontros como sendo mais um entre muitos encontros com bichinhos e gravetos.

O cinema seria como uma criança? Nos parece que sim. Estar com uma câmera ou um microfone na mão é estar mais atento ao inusitado do entorno, aos detalhes que cada lugar oferece a quem repara nele.”

O texto acima apareceu na tela do aplicativo de mensagens instantâneas da Fernanda em pleno final de semana. Explicitava a proposta de ementa para uma oficina, sobre a qual já vínhamos conversando remotamente há algumas semanas entre nós e com os demais integrantes da Coordenação da Rede Kino 2022-2024 [4] no grupo *Chapa quente Rede KINO*. Ela viria a ser oferecida durante a 18ª Mostra de Cinema de Ouro Preto-CineOP [5], nos dias 21 e 22 de junho de 2023, intitulada *Experimentando alianças entre cinema e plantas*.

Na parte destinada às Ações Formativas do Catálogo da 18ª CineOP (D’Angelo; D’Angelo, 2023, p. 257) foram publicadas as informações sobre a nossa oficina. Ali podem ser lidos os mesmos três parágrafos que abrem este texto acrescidos de um último e da equipeicineira [6]:

Este encontro para experimentar alianças entre cinema e plantas será composto por momentos para exibição de imagens, para vermos e falarmos juntos sobre o que vemos, emaranhado com a realização de diferentes dispositivos para criação cinematográfica e posterior visualização coletiva do que produzimos, com potencial para aprendermos novas



atenções a tudo que é vivo, compartilhando os brotos que nascem e abrem novos caminhos em nosso modo de ver e sentir o nosso entorno.

*Equipe Rede Kino:*

Damaris Guedes Cruz – SME-Campinas

Fernanda Omelczuk – DECED/UFSJ

Liana Lobo – Colégio de Aplicação/UFMG

Wenceslao Oliveira Jr. – FE/Unicamp

*Terça, 30 de maio de 2023*

- Sobre a oficina pra Educação Infantil, pensamos em trabalhar com as profissionais e não com as crianças (para que elas desdobrem a experiência com suas turmas), mas tô aberto a mudar esse rumo [7].

*Quarta, 31 de maio de 2023*

- Pra professores seria bárbaro tbm, poderíamos usar a própria casa do professor. Mas melhor conversar porque horário de professor é sempre complicado.

- Pois é, também por isso a proposta inicial era ir até uma escola pra poder trabalhar com a equipe toda de lá e com um lugar-entorno específico. Este é um jeito de pensar-realizar a formação de professores/as na escola, com as/os formadores/as (neste caso, nós) indo até o local de trabalho e não deslocando elas/eles para outro canto. Isso talvez facilite pra Prefeitura, pois teria que "negociar liberação de horários" em uma só escola e não na rede.

- Oi Gu [8], bom, depois temos que repensar a oficina. Porque a gente imaginou essa ideia para os profes. Mas a gente adapta. Eu acho que tem que ser no máximo 1 h e meia com as crianças, 2 horas já deve estar todo mundo loquito. Wences, que tu achas de uma média de 7 anos? Ou vc imaginou os menorzinhos? A prof. de Campinas é de educação infantil, né? Daí daria pra ser com os menores, mas nos exige bem mais concentração.

- Boa noite querides. Hoje tive um dia de seguidas reuniões. Somente agora consegui ouvir as msgs do Gustavo. Obrigado por essas articulações todas. Por mim tudo certo fazer a oficina com as próprias crianças e que tenham por volta de 7 anos. Bora lá! Pondero apenas duas coisas: 1. elas teriam seus próprios celulares? e 2. como as criaturinhas dessa idade são muito agitadas, seria melhor termos duas horas de encontro em cada dia para dar tempo de fazer tudo com tranquilidade.

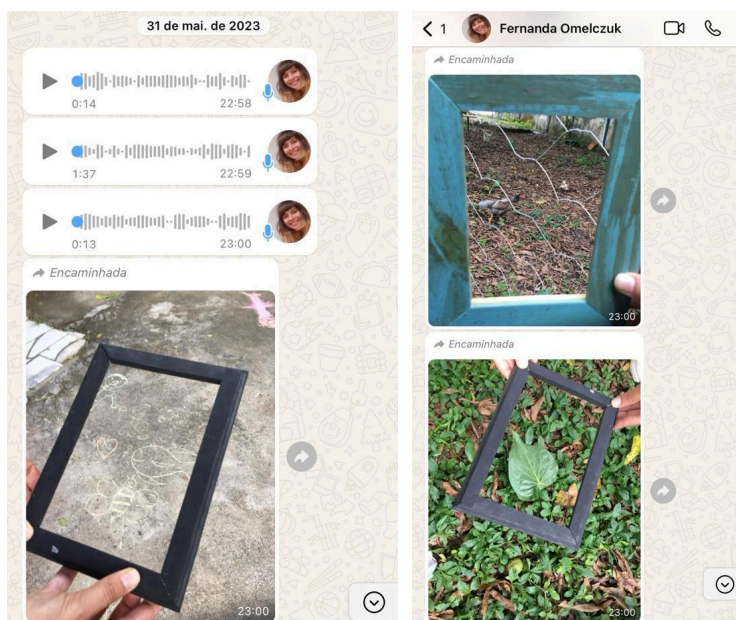


- Pensei também que seria legal começarmos vendo alguns filmes (quais?), conversar um pouco a partir destes filmes e retirar de algum destes filmes um dispositivo (Fórum Nicarágua, 2021) ou propor algum dispositivo dos que tenho experimentado para "devir-planta" (Oliveira Jr, 2023) (finalizaríamos esse primeiro dia com o envio para algum celular (pode ser o meu) das filmagens realizadas. Faríamos uma única playlist com todas as filmagens para, no segundo dia, começarmos assistindo de três em três e conversando sobre o que vier, finalizando propondo um novo dispositivo e um novo envio para mim (que reenviaria a playlist para todos os que me enviarem estas segundas filmagens). Que tal, Fer?

- Oi Wences! Questões importantes mesmo de pensarmos. Outra coisa que me passa é quantas crianças serão a cada encontro e se elas estarão sozinhas ou com alguma professora. Porque isso faz diferença na nossa dinâmica. Acho que com crianças nessa idade precisamos de adultos já de referência delas acompanhando.

- Vou te escrever no privado algumas coisas que pensei pra voltarmos aqui com a ideia mais organizadinha. Peraí.

\* \* \*



- Oi Fer, muito lindo esse trabalho. Fizemos algo parecido (mas sem o foco na natureza) com as crianças da outra escola infantil onde tive projeto e eles se envolveram bastante com o mirar através das molduras variadas.



- É legal isso. Abre uma atenção diferente já pro mundo. Simples e cinematográfico. Mas é só uma ideia. Podemos dormir com ela. ahhaah. E ver com o que sonhamos até amanhã. Podemos até construir molduras com gravetos. Com os elementos mesmos retirados do entorno. Ou furos em folhas.

- Super topo incluímos as molduras, mas penso que tem algo em "ver a filmagem que cada um fez" que é muito legal, pois a filmagem nunca é como quem pensou que ficaria. Ou seja, tem um deslocamento entre imagem e mirada visual que é justamente a dobra-o devir da planta na imagem.

- Cê acha que dá pra fazermos os dois? Acha que vale a pena? Tô pensando aqui que a ideia das molduras não é nos dar mais complexidade e sim simplicidade na oficina.

- Acho sim. Se as crianças (ou algumas delas) tiverem celulares podemos começar com as filmagens e fazermos as molduras e o exercício com elas no segundo dia.

*Segunda, 5 de junho de 2023*

- Será que 30 crianças de 7 anos não é muito? Muito enlouquecedor...? rrsr

- kkkkkk com certeza é. Indiquei até 30 para que seja possível ter uma turma inteira de crianças (e como não sei qual é o tamanho máximo das turmas de Ouro Preto, deixei entre 20 e 30).

- Acho que se forem 30 crianças precisaremos de umas 5 professoras apoiando.

- Vou colocar essa média entre 20 e 30 destacando a importância de adultos junto com as crianças.

- Ei Gu, pensamos que a oficina pode ser com crianças entre 6 e 7 anos, uma turma entre 20 a 30 crianças. Dois encontros de 2 horas e precisamos ter as professoras junto. Especialmente se tiver mais de 20 crianças... Pensamos nesse número de crianças para acolher toda uma turma. Mas a Claudia [9] pode sugerir o que achar melhor.

- E temos que ver com a Cláudia, a escola, a Universo [10], com alguém, sobre celulares para filmar.

*Terça, 6 de junho de 2023*

- Boa tarde querido Gustavo. Como são muitas as variáveis em aberto, sugiro que o pessoal da Prefeitura de Ouro Preto defina onde irá ocorrer a oficina e a partir daí acertamos o passo, pois



temos alguns "truques na manga" para podermos "ajustar" a oficina para o contexto, inclusive o número de celulares.

- Pensamos o seguinte: seria melhor perguntar se as crianças ou a professora ou a escola (ou a Universo) teria como disponibilizar celulares e quantos teríamos disponíveis para a atividade. Se tivermos poucos, a gente organiza um tipo de rodízio de ações, incluindo atividades com câmera-celular e sem câmera-celular. Ou seja, precisaríamos saber antes quantas crianças e quantos celulares teremos disponíveis para que saibamos em quantos grupos iremos dividir as crianças e pensar um "rodízio" de atividades com e sem celulares, de modo que todas as crianças tenham experiências parecidas de pensar-fazer imagens e filmagens.

- Ou seja, se não tivermos nenhum celular disponível haverá somente uma atividade com celular (o meu... hehe) e cada grupo de crianças passará por ela em algum momento da oficina. Tomara tenha sido claro e possamos sair do impasse, de modo que a Prefeitura possa contatar alguma escola/professora que queira acolher a oficina.

*Quarta, 14 de junho de 2023*

- Wences, não sei. Como é a primeira vez que fazemos, não sei se nós ou a Universo podem entrar com o equipamento. No próximo ano penso que a gente possa ter um edital para professores da Rede Kino fazerem essas oficinas nas escolas e mostrar resultados na mostra final da Kino. Seria massa e as regras podem estar mais claras e as oficinas serem remuneradas.

- Maravilha. Mas eu preferiria seguir também um outro percurso, conversando com a própria escola ou professora da turma. Se pudéssemos ter esse contato anterior seria ótimo. Perguntar o que eles já possuem e se haveria celulares (pode ser que tenham celulares antigos, fora de uso) ou câmeras fotográficas ou qualquer outro instrumento "fazedor de imagens". Esse é um jeito que temos feito aqui em Campinas, incluindo a escola em todo o processo, de modo que nossa ação não seja algo externo a ela e que acaba ao partirmos de lá. Em outras palavras, usar aquilo que já possuem é uma maneira de dar condições deles seguirem "fazendo cinema" após a oficina. O cinema possível naquele lugar-escola, daquele território escolar.

*Quinta, 14 de junho de 2023*



- Querides, falei com a Simone agora [11]. Ela foi ótima, alegre e receptiva. PONTO 1: a escola possui um "celular corporativo" que poderá ficar com a professora Ângela Ferreira (que estará conosco nos dois dias, talvez mais algum adulto fique também). Eu tenho um "celular reserva" que irei levar também. Com isso já são 3 celulares. Como o celular da escola só pode ser usado por adultos, a gente pode usar a seguinte estratégia de filmagem: cada grupo de crianças faz o papel da/o diretor(a) de cinema e o adulto que tiver acompanhando faz o papel do/a câmera. Enfim, vai dar certo fazer filmagens com as crianças. PONTO 2: a escola tem computador e projetor que estarão disponíveis para a oficina nos dois dias, então poderemos assistir alguns "filmes disparadores" no primeiro dia e assistir as filmagens realizadas pelas crianças no segundo dia. BORA LÁ!!!

- Eu tenho mais uma handcam que levo pras oficinas.

- Gente! Quanto movimento bonito!

*Quinta e sexta, 21 e 22 de junho de 2023*

Estivemos em Santo Antônio do Leite, distrito de Ouro Preto, das 13 às 15 horas nos dois dias. Passamos quatro horas muito agradáveis em meio a crianças e profissionais muito atentas e engajadas.

*Sexta, 14 de julho de 2023*

- Bom dia Fer. Já criei o drive e compartilhei com vc. Fiz um brevíssimo relato (em itens) do que me recordei da oficina para situar o Diogo nos ocorridos. Dê uma olhada e altere/acrescente o que quiser.

Primeiro dia

- Recepção muito acolhedora (sala organizada, com computador, projetor e caixa de som instalados); cadeiras em “U”, para que as crianças pudessem ver as projeções
- Devido à claridade da sala, profissionais da escola decidiram escurecê-la um pouco colando papel nos vidros
- Ao vermos o rolo de papel tivemos a ideia de fazer “câmeras-rolinhos” e, então, cortamos retângulos de papel para entregar a cada criança
- Assim que as crianças chegaram na sala, conversamos um pouco sobre as experiências de cinema que elas tinham
- Vimos a filmagem dos passarinhos que Fernanda havia selecionado; foi uma alegria e elas pediram para ver de novo (fizemos perguntas para as imagens – de onde virá o próximo passarinho?)



- Entregamos o retângulo de papel para as crianças e elas mesmas fizeram os rolinhos (com aberturas-diâmetros a seu próprio gosto) com função de câmera que imediatamente começaram a experimentar (há várias fotos destas experimentações)
- Saímos para a entrada da escola onde está a grande árvore que decidimos tomar como foco-personagem de nossa experimentação com cinema e plantas
- Primeiro as crianças “filmaram” o que quiseram, utilizando a câmera-rolinho para ver aquele lugar de mil outras maneiras (de maneira geral, notamos que aquelas câmeras levaram as crianças a olhar mais de perto, a encontrar detalhes e, por outro lado, a olhar para a rua, para fora da escola)
- Em seguida pedimos às crianças para observar a grande árvore e, uma por uma, chamávamos para que nos direcionassem a filmar com celular a parte escolhida da árvore (cada filmagem tem mais ou menos 15 segundos)
- No início nós filmávamos o que as crianças indicavam; da metade pra frente eram as próprias crianças que filmavam com nossos celulares
- Voltamos para a sala de aula, conversamos um pouco sobre a experiência e combinamos com as crianças de trazerem alguma “coisa vegetal” no dia seguinte
- Algumas crianças nos perguntaram se poderiam ficar com as câmeras-rolinhos pra elas...

#### Segundo dia

- Iniciamos assistindo as filmagens realizadas no dia anterior (fizemos uma gravação sonora deste momento)
- Após vermos as filmagens, perguntamos o que fariam diferente (eles falaram que queriam filmar passarinhos; conversamos sobre os passarinhos irem embora com o barulho que fazíamos; então como colocar os passarinhos no filme que iríamos fazer? No cinema, o som não precisa ser feito junto com as imagens; vamos gravar os sons que iremos colocar no filme da árvore?)
- Enquanto um de nós gravava os sons com as crianças (de duas em duas saíam da sala para fazerem a gravação) a outra fazia experimentações de montagens-instalações com as “coisas vegetais” que as crianças tinham trazido
- Como eram poucas as “coisas vegetais” que dispúnhamos, as profissionais da escola fizeram uma “colheita” de mais algumas e lá fomos nós para a entrada da escola, ao redor da grande árvore
- Ali, em duplas, as crianças escolhiam alguma daquelas “coisas vegetais” para compor com a árvore (enquanto uma escolhia um local e criava a conexão entre chão-árvore e material escolhido a outra criança filmava com o celular – não tenho estas filmagens); fizemos fotos desta performance das crianças e da instalação finalizada)
- As últimas a compor com a árvore foram as profissionais da escola
- Retornamos à sala e finalizamos a oficina com uma conversa com as crianças sobre como foi a experiência (muito boa para a grande maioria delas... e também para nós)

- Indiquei ao final o que penso seria interessante ter como filme. Uma ideia pra um filme (de 3 minutos, no máximo):

Iniciar com dois minutos de uma sequência das filmagens somente da grande árvore (montadas com os sons feitos pelas crianças) – nos 30/45 segundos finais incluir fotos e filmagens do processo da oficina montadas com algumas sonoridades das vozes nossas e das gravações feitas em sala





- Mas é só uma ideia que tive. Talvez fosse melhor deixar o Diogo livre para inventar seu próprio filme. Beijão.

## **A experiência com edição de um curta-metragem**

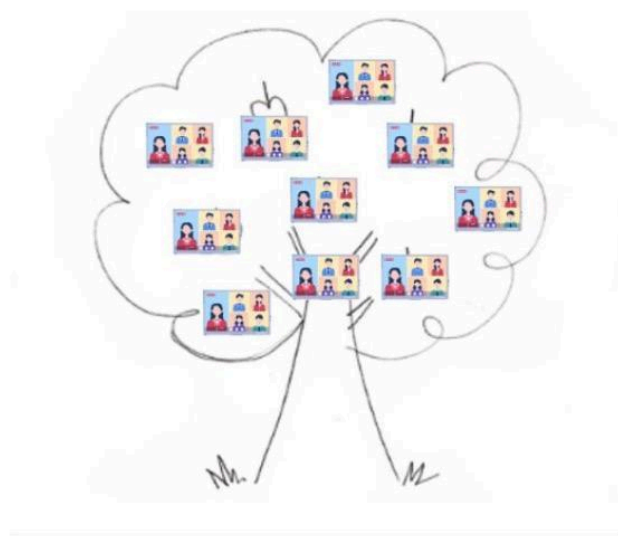
*Terça, 1 de agosto de 2023*

Nesta data recebi o e-mail da professora Fernanda dizendo sobre uma atividade de edição. O que compreendi era que deveria realizar a montagem das gravações feitas em uma oficina ministrada pela professora Fernanda e o Professor Wenceslao. O material foi gerado pelas crianças da Escola Municipal Dr. Pedrosa, em Ouro Preto, Minas Gerais. Além das filmagens de cenas também havia um material em áudio que foi usado como trilha sonora do curta-metragem. Os arquivos para a edição estavam no drive do grupo Rede Kino. O material em áudio foram sons (principalmente de animais) feitos pelas próprias crianças-estudantes. Elas tentavam imitar os sons dos bichos que tinham nas árvores ou perto delas; então, com suas bocas, reproduziram esses sons.

Tentamos marcar uma reunião em que seriam expostas as ideias que a professora e eu tínhamos para a montagem, bem como os detalhes do que se tratava o material em vídeo e áudio. Contudo foi mais prático sanar essas dúvidas e receber orientações por meio de aplicativo de mensagens instantâneas, em áudios. A professora Fernanda expôs suas ideias, sempre perguntando se era possível fazer algo parecido com o que estava propondo.

Para mim, um dos desafios para se trabalhar com edições de vídeos é o tempo e este pode ser dividido entre três partes, sendo elas: entender a proposta que se pede, procurar os melhores softwares para a tarefa e apreender novas ferramentas de edição.

A ideia inicial que foi me passada pela professora era de compor, com todos os vídeos gravados, frutos de uma árvore; frutos esses seriam as telas das filmagens, que apareceriam simultaneamente. Todas essas sugestões me foram passadas de forma que poderia exercitar minha criatividade. Pensei em algo como a imagem a seguir.



Colagem feita pelo bolsista-autor no Google Apresentações.

*Quinta, 3 de agosto de 2023*

Recebi a relação de crianças-estudantes e professoras participantes da oficina *Experimentar alianças entre crianças e plantas* na já citada escola. Esta lista de nomes me foi passada para ser incluída nos créditos ao final do curta, assim como outros materiais como a logo da Prefeitura da cidade e dos grupos de pesquisas da professora Fernanda e do professor Wenceslao.

Até esta data já havia testado alguns softwares de edição online para ver quais poderiam se encaixar na montagem. Quando comecei as atividades de edição não tinha um computador próprio, por isso dei preferência aos softwares online, pois assim consegui usar os computadores disponíveis na Faculdade de Educação/Unicamp, no centro de informática de apoio aos estudantes.

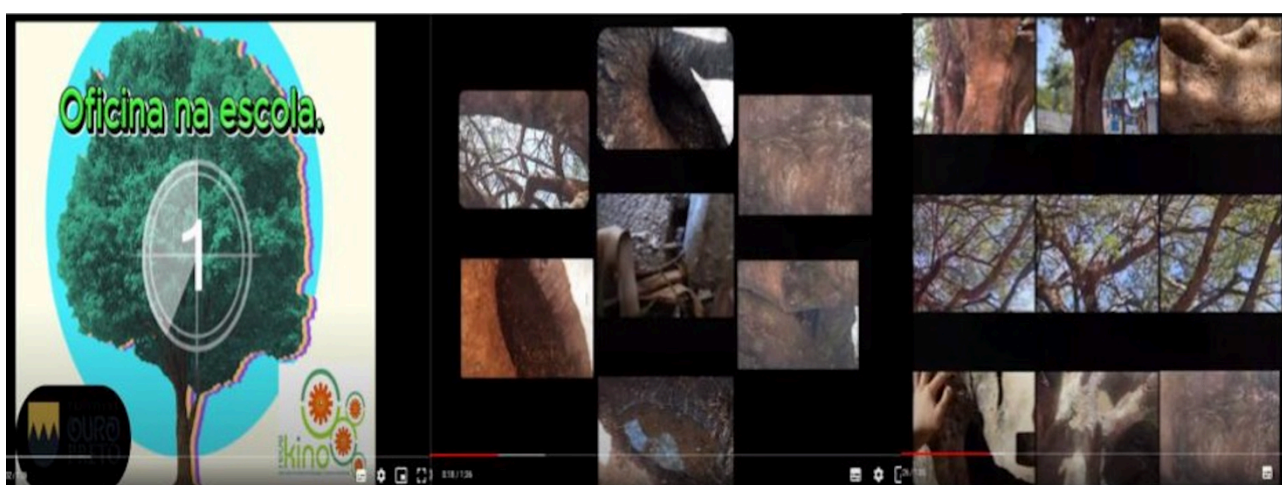
Os softwares online apresentam muitas limitações, sendo uma delas que todo o trabalho era perdido ao reiniciar a máquina, já que não era possível salvar os arquivos no computador local. Então, todo dia a edição tinha que ser feita desde o início. Outro fator era o longo tempo que era gasto para finalizar a montagem realizada a cada dia. Isso em parte se dava por conta de a máquina local não possuir requisitos favoráveis.

Uma vez que consegui, através do programa de empréstimo existente na Unicamp, um computador de mesa com boas configurações, diferentemente dos que eram disponíveis na



faculdade, tive a possibilidade de instalar programas locais que não dependiam de internet, bem como também foi possível fazer modificações em suas configurações e desempenho, dando uma forma de trabalho estável. Fiz, então, várias pesquisas de editores que poderiam ser instalados em máquinas de baixo a médio desempenho, chegando a um em específico, o *CapCut* [12], que foi o que usei para fazer a primeira versão do curta-metragem.

De início, ele tinha uma duração de 2 minutos. A imagem a seguir mostra algumas capturas de tela do material produzido.



Montagem com capturas de tela da primeira versão do curta.

Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1eZL7520pPUQB6Q-ipUzqj3wpa8bu4EjV/view?usp=drive> link

*De sexta, 3 de agosto de 2023, à segunda, 11 de setembro de 2023*

Na primeira versão já estava usando o computador que consegui com o empréstimo, porém ele possuía algumas limitações caso passasse de quatro horas editando. E isso, de início, era frequente, pois era necessário ver explicações sobre como era o funcionamento de determinada ferramenta ou mesmo alguma técnica de edição. Tutoriais e manuais gratuitos são muitos nas plataformas da internet.

Por outro lado, quanto mais tempo me dedicava à edição, mais familiaridade tinha com o ambiente. À princípio tive a impressão de que para atuar na montagem de curtas ou longas metragens não dependemos somente de quanto conhecimento se acumula, mas também da experiência que vem com o tempo e ainda mais com um olhar crítico baseado nessa experiência e em teorias da área do cinema que se conectam a outras áreas do saber.



Eu já havia enviado aquela primeira versão do curta para a professora Fernanda pelo aplicativo de mensagens instantâneas, mas não a havia enviado ao professor Wenceslao. Houve um desencontro de informações, então enviei para ele o link da primeira versão do curta que foi armazenado no drive da Rede Kino e, em paralelo a isso, trabalhei nas correções passadas pela professora Fernanda.

Entre as datas acima recebi mais instruções para prosseguir com a edição, por meio do professor Wenceslao. Elas foram importantes para compor a sessão dos créditos e da trilha sonora.

*De quarta, 1 de novembro de 2023, à quarta, 24 de janeiro de 2024*

Nesse grande espaço de tempo trocamos muitos emails, com o professor Wenceslao dando sugestões e propondo correções que ajudaram a sanar muitas dúvidas e dar um caminho para a montagem.

Fiz a leitura do material bibliográfico (Escorel, 2005; Amaral; Guari; Oliveira Jr, 2021). Isso ajudou a aprofundar no campo das teorias de montagem e do cinema na escola. Confesso que algumas coisas me pareceram bem complexas e que só poderiam ser alcançadas mediante muita prática.

Neste período foram marcadas reuniões presenciais para finalizarmos a montagem do curta e estas foram bastante proveitosas e esclarecedoras. Tivemos um processo de cortes nas filmagens e sons feitos pelas crianças seguindo o critério de que nas cenas não aparecesse criança alguma, uma vez que não dispomos dos direitos de imagem delas. Para os sons, buscamos fazer com que ficassem somente audíveis os momentos em que as crianças reproduzem os ruídos com suas bocas, de animais ou música, e algumas falas do oficineiro que ajudassem a compreender o processo de filmagem da interação entre cada criança e a árvore.

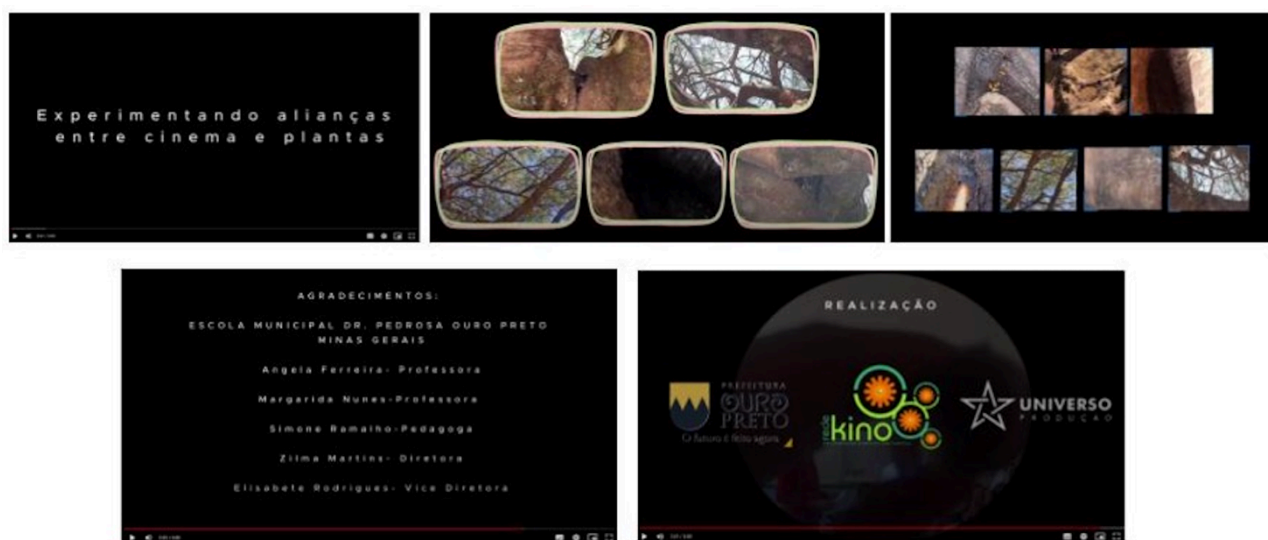
Para fim de organização, os arquivos de cortes sonoros foram nomeados com os nomes dos animais e demais sonoridades que foram realizados pelas crianças. Os arquivos com os cortes de vídeos também receberam nomes para ajudar na identificação no momento de montagem.

Chegamos na penúltima versão, na qual já estava bem entendido o que deveria ou não aparecer nas cenas.



*Segunda, 29 de janeiro de 2024.*

E então chegamos à última versão do curta. Aqui já havia feito outras correções, como a alteração de logos e sequência dos créditos finais, apontadas pelo professor Wenceslao e pela professora Fernanda. Foi um processo de intenso aprendizado para que se chegasse à última versão, e ainda há muito o que aprender.



Montagem com capturas de tela da última versão do curta.  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P1HtsxGH-h0>

Um dos pontos mais desafiadores foi mediar o tempo de aprendizagem das ferramentas com as demais atividades acadêmicas, mas nada que dificultasse ambas. O gerenciamento do meu próprio tempo foi desafiador, uma vez que me era dada bastante autonomia para realizar as atividades e isso é ótimo para trabalhar com tarefas como essas, estimulando essa organização com os prazos e atividades a serem feitas.

Terminada a última versão, fiquei bastante motivado a aprender novas formas de aprimorar o que foi apreendido até aqui, tanto na parte técnica quanto na parte teórica dos campos que envolvem o cinema na educação.

*Quinta, 02 de maio de 2024.*

Neste dia recebi a confirmação da inscrição do nosso curta na 19a CineOP.

Olá **Diogo Pereira de Souza!**



Informamos que o filme **Experimentando alianças entre crianças e plantas**, foi inscrito com sucesso para participar da seleção da Mostra Educação da **19ª CineOP - Mostra de Cinema de Ouro Preto**

O resultado para a seleção está previsto para ser divulgado na segunda quinzena de maio de 2024.

*Sábado, 22 de junho de 2024*

Estive presente na sessão da Mostra Educação em que o curta foi apresentado e falei um pouco sobre o processo de montagem dele.

### **O cinema na escola e suas múltiplas alianças**

*Terça, 10 de setembro de 2024*

Retomar todo o processo de criação do curta *Experimentando alianças entre cinemas e plantas* nos trouxe a exata sensação de que as alianças se fizeram entre muitas outras vidas, humanas e não humanas. Alianças que se multiplicam de um quintal a outro, de Ouro Preto descendo pelas Gerais até Juiz de Fora. “Wences! Pensei agora! Vou enviar o filme que fizemos em Ouro Preto ano passado na escola para eles exibirem na mostra-escola do FESTICIDI [13], o que acha?”. “Acho ótimo, Fer.”, foi a resposta na troca de mensagens ocorrida durante a escrita deste texto.

E assim, de um quintal a outro, de uma escola e criança para outra, e de um cinema a outro, a produção foi se rizomatizando e chamando outras crianças a olhar, a brincar, a fazer cinema com as plantas. Do inverno de Ouro Preto, passando pela primavera, verão, outono, no inverno de novo, pouco mais de quatro estações depois, chegamos de volta. Inspirados pelo ciclo infinito da diversidade que atravessa as pessoas, nossa cultura, a vida e é a marca política e estética deste Festival de Juiz de Fora, propusemos experimentar com crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental do Instituto Estadual de Educação de Juiz de Fora – Escola Normal – a diversidade de olhares para a primavera presente na escola. Subjetivados a olhar as estações do ano pelo viés dos países e imagens do norte, pouco aguçamos a sutileza com que o mundo ao nosso redor tropical se transmuta em ritmos, cores, sombras, sons, temperaturas, variações de um mesmo verde (como conseguem perceber os povos indígenas) ou de um mesmo branco (como conseguem perceber os povos do Ártico). Como o cinema faz existir a diversidade das estações do ano em nosso cotidiano? Como uma oficina de cinema com crianças pode contribuir para olharmos com



cuidado para as diferentes estações? Para percebermos a primavera em nós e ao nosso redor? Como é a primavera na escola?

Intitulada de cine-primavera realizamos para esta oficina uma curadoria atravessada por imagens que partilhavam modos de se relacionar com as plantas, com o tempo, com o corpo, a comida, com a vida na estação do florescimento. Dentre os filmes que selecionamos exibir previamente ao convite para que as turmas realizassem suas próprias produções, incluímos o filme *Experimentando alianças entre crianças e plantas* como defesa do território das produções escolares como cinema brasileiro que deve estar disponível para todos assistirem em casa e especialmente no horário escolar (BRASIL, 2014).

Emaranhada entre a produção de cineastas consagradas do cinema experimental como Rose Lowder, o filme de 3 minutos das crianças anônimas de Ouro Preto foi o mais aclamado pelo público infantil durante a exibição na Escola Normal. Piu Piu Piu era o som que as crianças escutavam já nas primeiras imagens exibidas, que espontaneamente se agenciavam às gargalhadas de entusiasmo e vibração da sala. Piu Piu Piu Ha Ha Ha faziam as crianças em devir passarinho. Croc croc croc, e lá estava um monte de sapos. Zum zum zum, e uma abelha rondava a árvore em busca de flores. As onomatopeias causavam alvoroço, amizade e aproximavam crianças que nunca tinham se visto, aproximavam humanos, plantas e bichos, modos de se comunicar, rompendo com os limites modernos que outrora retiraram os humanos da natureza.

Reconhecemos que habita no cinema uma pedagogia entranhada em si e podemos nos agenciar com ela no simples gesto de uma visualização e/ou produção coletiva, como detalha Fresquet (2013), ao apontar que em ambas as atividades o professor, por exemplo, se desloca de uma posição a outra, vendo junto, aprendendo junto com o filme, ou quando estão todos ao redor de uma câmera; ou, de uma árvore. A ideia de cinema como encontro com a alteridade sustenta uma justificativa importante no campo do cinema e educação, mas experimentamos que há também uma potência com o que o cinema proporciona de composição comum entre aqueles que assistem e aquilo que é visto.

A criança canta passarinho, zunzuna inseto, floresce orquídeas e faz até uma planta de plástico esquecida no canto de um corredor escuro ser enquadrada pela primavera. Assistiram ao filme, aplaudiram e pediram para ver de novo. Silêncio, pediu a professora em meio ao mafuá que o





cinema causava na sala (Migliorin, Pipano, 2019). Inspirados pela pedagogia de Alicia Veja [14], que, em uma das cenas de *Cien niños esperando un tren*, de Ignacio Agüero (1989), pede que as crianças espirrem junto com a cena que ela havia acabado de mostrar ao invés de repreender a eminente agitação que estava por vir com a imagem, aproveitamos a afetação das crianças proveniente do filme para pedir que desabrochassem em mais barulhinhos, memorando, inventando e experimentando o encontro com a sonoridade da primavera que tinham dentro de si e que iríamos observar e filmar após a exibição dos curtas brasileiros. Uma multidão de pássaros, bichos, insetos, folhas começaram a acontecer simultaneamente na sala pelos corpos das crianças.

*Quarta, 13 de novembro de 2024*

Quando cinema e crianças se juntam, nosso referencial sobre cinema se expande. A imagem de corpos relaxados, estáticos parados sentados olhando fixamente para uma tela é tudo o que não acontece no encontro cinema e infância. E é tudo o que não queremos. Apostamos em uma espécie de pedagogia do caos que o cinema proporciona ao chegar na escola, porque “o mafuá é a própria operação do pensamento [...]. Ele facilita pensar a potência inventiva de uma sala de aula – espaço em que um acontecimento pode se dar – e a potência igualitária do encontro na escola com o cinema” (Migliorin, Pipano, 2019, p.160-161).

Mas sabemos que nem sempre foi assim. Na história da relação entre a educação, o cinema e as crianças, as imagens foram mobilizadas muitas vezes a partir de intencionalidades didáticas, para explicar e silenciar, no sentido de tornar mais acessível um conteúdo. Apostava-se nele para levar imagens mais representativas da realidade à sala de aula, cabendo ao professor ordenar e elucidar acontecimentos exibidos na tela. Um cinema a serviço da disciplina escolar. Disciplina que organiza também fábricas, escritórios, instituições, aparelhos eletrônicos, celulares, que modula e modela as crianças. É por isso que “o fracasso da disciplina na escola não deixa de ser uma vitória”, afirmam Migliorin e Pipano (2019, p. 164).

Para Joulie (2021) o cinema instaura outras perspectivas para o corpo domesticado na escola. Muitas proibições incontestáveis no dia a dia são quebradas: pode-se subir na mesa e ou em muros e lugares altos para filmar, entrar em espaços proibidos do dia a dia (cozinha, salas da





direção e/ou dos professores etc.), em um filme pode-se falar o que não se diz no dia a dia, pode-se transitar por um universo à parte daquele que habitamos.

Deste modo, na experiência que aqui compartilhamos, fazemos aliança com um cinema que ao encontrar as crianças atualiza a própria infância do cinema, sua rebeldia e o mafuá que ele causa nas estruturas cotidianas. Resgatando, assim, segundo Machado (1997) o que atraía o público aos primeiros espetáculos que marcaram o cinema dos primórdios: o universo dos sonhos, das fantasias, devaneios oníricos e inconscientes, gestos infantis que mobilizam afetos, que não separam mente e corpo, que desenrolam devires insetos, passarinhos, devires planta.

### **Para terminar (ou começar?): plantar e crescer de novo**

*Terça, 10 de setembro de 2024*

A criança canta passarinho, zunzuna inseto, floresce orquídeas e faz até uma planta de plástico esquecida no canto de um corredor escuro ser enquadrada pela primavera. Assistiram ao filme, aplaudiram e pediram para ver de novo. Silêncio, pediu a professora em meio ao mafuá que o cinema causava na sala (Migliorin, Pipano, 2019). Inspirados pela pedagogia de Alicia Veja [14], que, em uma das cenas de *Cien niños esperando un tren*, de Ignacio Agüero (1989), pede que as crianças espirrem junto com a cena que ela havia acabado de mostrar ao invés de repreender a eminente agitação que estava por vir com a imagem, aproveitamos a afetação das crianças proveniente do filme para pedir que desabrochassem em mais barulhinhos, memorando, inventando e experimentando o encontro com a sonoridade da primavera que tinham dentro de si e que iríamos observar e filmar após a exibição dos curtas brasileiros. Uma multidão de pássaros, bichos, insetos, folhas começaram a acontecer simultaneamente na sala pelos corpos das crianças.

Escrevendo esta trajetória de criação e exibição deste pequeno filme feito por crianças em uma escola em um momento de seca profunda que experimentamos em muitas cidades de Minas Gerais, dentre elas Ouro Preto, São João Del Rei e Juiz de Fora, sentimos que as alianças necessárias para a nutrição de todas as vidas são ainda mais radicais.



Uma grande árvore, com raízes profundas, é capaz de se manter viva mesmo em períodos de longa estiagem, acessando lençóis freáticos para abastecer a si mesma ao mesmo tempo em que auxilia plantas menores ao seu redor a também se hidratarem.

É a sombra formada pela copa dessas grandes árvores que procuramos para nos abrigar, seja no sol, na seca ou até mesmo na chuva. É nelas que os passarinhos constroem seus ninhos com segurança e é subindo em seus troncos firmes que as crianças brincam. Brincam de se pendurar, de subir, de rodar, de filmar, lá do alto. É nas poças de água formadas em suas raízes terrestres que insetos se reproduzem. É em cima das árvores que podemos aprender a ver o mundo com olhos de passarinho. Com olhos de folha. Olhos de árvore. Como seria ser olhado por uma árvore? As árvores nos olham, diria o menino Manoel de Barros (2015).

Quando chegamos à escola em 21 de junho de 2023 tínhamos algumas ideias em torno das alianças que poderíamos experimentar e produzir com cinemas e plantas, mas foi a árvore da entrada da escola que nos escolheu. Nos olhou e nos escolheu, fazendo-se rizoma (Dias, 2021) com nossas vidas humanas, de adultos e crianças, e com as vidas não humanas dos pássaros, insetos, ventos, imagens e sons do cinema. Todo um ambiente composto por alianças que se desdobraram em outras, fazendo-se rizoma também alguns meses depois com as crianças e filmes produzidos em outra escola. A experiência com as crianças e as plantas e as multiplicidades desdobradas com elas nestes últimos meses nos fizeram experimentar o que nos ensina Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 66): “as coisas não têm início, meio e fim, mas começo, meio e começo”. Aprendemos isso com as plantas, com as estações do ano, com as crianças e com o cinema na escola.

## **Bibliografia**

AMARAL, S. R. F.; GUARI, M.; OLIVEIRA JR. W. M. Coisas inventadas: montagem e edição em um cineclubes escolar. **Revista Digital Do LAV**, 14(1), 197–219, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/61968> Acesso em: 20 set 2024.

BARROS, M. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BRASIL. **Lei nº 13.006 de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília, DF, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm). Acesso em: 7 de outubro de 2024.



D'ANGELO, R. H.; D'ANGELO, F. H. (orgs.) **CINEOP – 18 Mostra de Cinema de Ouro Preto (Catálogo)**. Belo Horizonte: Universo Produções, 2023.

DIAS, S. Uma árvore já é um rizoma: Antropoceno, clima e vida multiespécie. **Revista Incomunidade**. Outubro 2021. Disponível em: <https://www.incomunidade.pt/uma-arvore-ja-e-um-rizoma-antropoceno-clima-e-vida-multiespeci-e-susana-oliveira-dias/> Acesso em: 7 de outubro de 2024.

DOS SANTOS, A. B. **A terra dá a terra quer**. São Paulo: Ubu editora, 2023.

SCOREL, E. (Des)importância da montagem. **Portal Brasileiro de Cinema**, 2005. Disponível em: [https://www.portalbrasileirodecinema.com.br/montagem/ensaios/04\\_02.php](https://www.portalbrasileirodecinema.com.br/montagem/ensaios/04_02.php). Acesso em: 20 set 2024.

FÓRUM NICARÁGUA (MIGLIORIN, C.; GARCIA, L.; PIPANO, I.; RESENDE, D.). A Pedagogia do Dispositivo: Pistas para Criação com Imagens. In: LEITE, C.; OMELCZUK, F.; REZENDE, L. A. (org). **Cinema-Educação: políticas e poéticas**. Macaé: Editora NUPEM, 2021.

FRESQUET, A. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.

JOULIE, K. Infância e cinema: outra perspectiva para o corpo na escola. In: LEITE, C.; OMELCZUK, F.; REZENDE, L. A. (org). **Cinema-Educação: políticas e poéticas**. Macaé: Editora NUPEM, 2021

MACHADO, A. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MIGLIORIN, C. PIPANO, I. **Cinema de brincar**. Rio de Janeiro: Relicário, 2019.

OLIVEIRA JR. W. M. Devenires vegetales en cuerpos y cámaras - hacer cine, hacer comunidad, hacer lugar” In: CASTRO, A. (org.) **Futuros multiespécie. Prácticas artísticas, territorios más-que-humanos y emergencia planetária**. Editorial Bartlebooth, 2023.

*Recebido em: 15/09/2024*

*Aceito em: 15/11/2024*

---

[1] Estudante de graduação em Licenciatura Integrada em Química e Física pela Faculdade de Educação/Unicamp. Bolsista do Projeto “Cinema e educação: projetos Rede Kino”, apoiado pela Diretoria de Apoio e Permanência Estudantil-DEAPE/Unicamp. Email: [d258519@dac.unicamp.br](mailto:d258519@dac.unicamp.br)

[2] Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Educação-DECED e do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPEDU da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Coordenadora da Rede Kino, gestão 2022-2024. Email: [fernandaow@ufsj.edu.br](mailto:fernandaow@ufsj.edu.br)

[3] Professor no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO, ambos da Faculdade de Educação/Unicamp. Coordenador da Rede Kino, gestão



2022-2024 e responsável pelo Projeto “Cinema e educação: projetos Rede Kino”, apoiado pela Diretoria de Apoio e Permanência Estudantil-DEAPE/Unicamp. Email: [wences@unicamp.br](mailto:wences@unicamp.br)

[4] Clarisse Alvarenga (UFMG), Débora Nakache (UBA), Gustavo Jardim (UFMG) e Isaac Pipano (UNIFOR).

[5] Em parceria com a Casa do Professor, órgão da Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto.

[6] *Quinta, 25 de maio de 2023*

“Outra coisa agora sobre a Casa do Professor. Vai ser muito bom pensar esse encontro com o Wences, mas fico pensando novamente na questão do nosso tempo durante a CineOP. Podemos pensar juntos e chamar mais alguém para tocar a oficina, acho que isso além de diminuir nossa sobrecarga ajuda a descentralizar as ações de nossas mãos. Tem muita gente que quer atuar, trabalhar, participar, podemos pensar em mais alguém da educação infantil para estar junto e quem sabe até assumir a oficina, o que vc acha Wences? Pode ser alguém de Campinas que vc ache bacana, ou alguém que já venha participando dos encontros da Kino. Enfim, acho que pode ser um caminho de integrar os demais.”

Dessa mensagem surgiram os convites para as convidadas externas à Coordenação da Rede Kino, Damaris Cruz e Liana Lobo; infelizmente ambas tiveram imprevistos que impossibilitaram suas participações na oficina.

[7] Nota explicativa: mantivemos neste texto a escrita instantânea e informal própria dos diários e conversas entre amigos. Trocas improvisadas que permite que ideias se materializam em práticas e encontros. Fizemos somente pequenas alterações para retirar alguns vícios de escrita, inserindo acentos e ajustando certas concordâncias verbais, erros gramaticais e ortográficos para não atrapalhar a leitura. Sendo assim, fizemos uma montagem das trocas de mensagens, não incluindo todas, e sim aquelas que dão a ideia das muitas alianças que foram sendo firmadas para que a oficina ocorresse.

[8] Gustavo Jardim era nosso intercessor junto à Universo Produções, organizadora da Mostra, e à Casa do Professor.

[9] Claudia Pereira era a professora que foi nossa interlocutora com a Casa do Professor, da Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto. Foi a principal articuladora da organização da oficina que oferecemos nas escolas.

[10] Universo Produção é uma empresa de produção de eventos com sede em Belo Horizonte, responsável pela Mostra de Cinema de Ouro Preto, dentre outros festivais de cinema. Disponível em: <https://universoproducao.com.br/>. Acesso em: 07 de outubro de 2024.

[11] Simone Ramalho era a pedagoga da Escola Municipal Dr. Pedrosa, onde a oficina foi realizada.

[12] Editor de vídeo que possui uma versão limitada gratuita online e off-line.

[13] Festival Internacional de Cinema e Cultura da Diversidade que acontece em Juiz de Fora desde 2022 e pela primeira vez em sua terceira edição em 2024 teve um dia inteiro de programação voltado para o público infantil, com oficina (Cine-primavera) e mostra de cinema para crianças e uma mesa que marcou o I Encontro Regional da Rede KINO – Zona da Mata e Vertentes - Cinema e Educação: Políticas públicas e partilha de saberes para uma educação inclusiva e diversa.

[14] Alicia Vega é pesquisadora, cineasta e educadora de cinema no Chile. Por trinta anos ofereceu oficinas de cinema para crianças da periferia de Santiago, história que está registrada no filme documentário de Ignacio Aguero - *Cen niños esperando un tren*. Para mais informações: <https://fundacionalicivega.cl/> Acesso em: 7 de outubro de 2024.